

O brincar e a criatividade dentro do espaço analítico¹

Nádima Carvalho Olímpio da Silva²

Resumo

A criatividade inicia-se nos primórdios da existência, onde a fusão da criança ao objeto é predominante. Os registros desses momentos ficarão gravados no bebê, desenvolvendo sua capacidade de criação e seu aparelho de pensar. O brincar como atividade criadora é a ferramenta que possibilita o acesso ao rico mundo de fantasias inconscientes das crianças.

A psicologia da criação artística e conseqüentemente da criatividade, que inspira a vida em geral, não foi totalmente abarcada [...] seu autor, homem ou mulher, permanece num estado sensível, já que está pessoalmente envolvido. (Carta de Winnicott endereçada a Melaine Klein em 17/11/1952)

É precisamente neste estado sensível de envolvimento, que me proponho a discorrer sobre alguns pontos a respeito dessa criatividade e do brincar dentro do espaço analítico.

O potencial para a criatividade acontece em um período bastante primitivo da existência onde predominam a não integração do bebê, a fusão e a indiferenciação com a mãe; existindo uma dependência absoluta ao objeto que o alimenta e cuida.

O que se passa com o bebê, quando pela primeira vez é saciado em sua fome, é um momento de grande satisfação e que fica registrado em seu psiquismo. Quando sente fome e não é imediatamente gratificado, ele torna viva essa experiência já vivida e cria sua primeira obra de arte, alucinando a presença do seio que o alimenta. Winnicott chama esse instante de *Criatividade Primária*, onde se iniciam os movimentos e esperneios à espera do seio.

O bebê poderá desenvolver seu aparelho de pensar, sua criatividade, sua capacidade de simbolizar através da frustração vivida temporariamente pela ausência do seio que o nutre.

Freud, já em 1896, dizia que devemos olhar, olhar quantas vezes necessário for, até que possamos ou não alcançar o entendimento do que está sendo observado, e Winnicott olhou

bastante, até compreender o que havia por trás do sugar o polegar dos dedinhos ou o punho nos intervalos das mamadas e no momento de adormecer. O bebê, gradualmente, pode tolerar a ausência do objeto, iniciando a compreensão da realidade externa, onde os objetos aparecem e desaparecem. Através do desejo, o bebê tem a ilusão de possuir força mágica: agarra um pano, chupa o dedo, mexe a franja do lençol e declara nesse momento seu controle sobre o mundo, por meio desses instrumentos, prolongamento da onipotência original. A esses objetos, Winnicott chama de *transicionais*.

O objeto subjetivo torna-se gradualmente relacionado a imagens que são percebidas, aceitando-se assim o paradoxo de que o bebê cria o objeto, mas ele não teria sido criado se já não existisse ali.

Esse primeiro estágio do desenvolvimento torna-se possível pela capacidade especial, por parte da mãe, de efetuar adaptações às necessidades do seu bebê. Permitindo-lhe, assim, a ilusão de que aquilo que ele cria, realmente existe. O modo como é vivido esse momento favorece a criança enfrentar o imenso choque da perda da onipotência.

Os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, têm dúvidas sobre o valor de viver, pela ligação direta à quantidade e qualidade de provisões ambientais nas fases mais primitivas da existência de cada bebê.

Essa área que vai ocupar o espaço onde as potencialidades serão desenvolvidas vai do mundo dos símbolos ao da cultura através do brincar.

Para Winnicott, os fenômenos transicionais como primeira atividade lúdica, teriam o estatuto de passagem do pólo

¹ Trabalho apresentado na I Jornada Interna do GPAL em julho/2001

² Psicóloga e Psicanalista do GPAL

natural ao cultural, da completude imaginária, ao acesso da criança à função simbólica.

A essência do brincar é a potencialidade de transformar uma experiência negativa e sua possibilidade de recriar a realidade.

Freud, ao observar uma criança brincando com um carretel (1920), inspirou Melanie Klein a usar o brinquedo como material para que fossem representados simbolicamente as fantasias e ansiedades infantis. Utilizou a sala de brinquedos para esse fim e essa abordagem forneceu-lhe o caminho para o inconsciente da criança e uma melhor compreensão da sua estrutura interna.

O brinquedo, como atividade lúdica, faz parte da vida da criança, tendo a função de canalizar todas as suas fantasias através da simbolização. É o seu momento mágico.

Em Winnicott, encontramos que o espaço potencial, área onde o fenômeno lúdico se realiza, aponta para um lugar possível de estabelecer as relações do sujeito com a realidade psíquica e a realidade externa. O brincar parece, assim, resgatar o que marca o humano. Recupera toda sua subjetividade.

Para finalizar, citarei Santa-Rosa que analisando o brincar, escreve:

O brincar, atividade pertencente ao campo da linguagem, domínio do espírito, jogo infantil remete às várias dualidades que ordenam e estruturam o aparelho psíquico: processo primário/ processo secundário, representação coisa/ representação palavra, realidade psíquica/ realidade material que *tem sua função na dialética ilusão/ desilusão, completude imaginária/ castração. É esta a dimensão ontológica do jogo: brincar é antes de tudo um movimento, uma engrenagem que vai girar infinitamente no sentido de originar interpretações.* (1997:184)

Referências Bibliográficas

Freud, S. (1976) *Escritores criativos e devaneios*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Volume IX.

Santa-Rosa, E. & Reis, E. S. (1997) *Da análise na infância ao infantil na análise*. Rio de Janeiro: Imago.

Segal, Hanna.(1975) *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago

Winnicott, Donald.(1996) *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (1993) *Da Pediatria à Psicanálise*, Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____ (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1990) *O ambiente e os processos de maturação – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, Porto Alegre: Artes Médicas.